

Nº3 MAIO 74

T. BAIÃO

Nº408

NºS. 335

CADERNOS

REG. 94/09/06



# TEATRO OPERÁRIO



C.H.

CD25A

# EDITORIAL

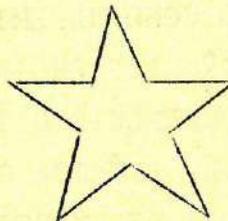
O TEATRO OPERÁRIO TEM CERCA DE 4 ANOS DE ACTIVIDADE. NESTES ANOS, DEMOS CERCA DE 50 ESPECTÁCULOS, E BASTANTES MODIFICAÇÕES SE OPERARAM DENTRO DO GRUPO. PODE-SE MESMO AFIRMAR QUE, DO PONTO DE VISTA QUALITATIVO, A ACTUAL FASE TEM MUITO POUCA A VER COM A INICIAL.

ESTE NÚMERO DOS NOSSOS CADERNOS, TEM POR OBJECTIVO, APRESENTAR ATRAVÉS DE BALANÇOS CRÍTICOS E DE ESTUDOS DE OUTRAS EXPERIÊNCIAS ANTIGAS E RECENTES, O QUE A NOSSA PRÁTICA NOS DEU COMO AQUISIÇÃO TEÓRICA INDISPENSÁVEL PARA O PROSSEGUIMENTO DUM TRABALHO CULTURAL SERVINDO OS INTERESSES DO POVO. ENTRETANTO, TANTO EM PORTUGAL COMO NA EMIGRAÇÃO APARECEM VÁRIAS EXPERIÊNCIAS DE TEATRO, O QUE IRÁ ENRIQUECER ENORMEMENTE O TRABALHO GERAL NA FRENTE CULTURAL, A ÚNICA CONDIÇÃO PARA QUE ESTA ACÇÃO SEJA REALMENTE ÚTIL PARA O ENRIQUECIMENTO DA IDEOLOGIA PROLETÁRIA E O CONSEQUENTE ENFRAQUECIMENTO DA IDEOLOGIA BURGUESA, É A ACEITAÇÃO DO DIÁLOGO, DO CON-

2

FRONTO, DA DISCUSSÃO E O CORRELATIVO ABANDONO DO ESPÍRITO SECTÁRIO E DOGMÁTICO; COMO DIZ O CAMARADA MAO TSÉ-TUNG "QUE CEM FLORES DESABROCHEM E CEM ESCOLAS DE PENSAMENTO RIVALIZEM.

ÉIS A POLÍTICA PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DAS ARTES E O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS, BEM COMO O FLORESCIMENTO DO NOSSO PAÍS.(...) O PROBLEMA DO CORRECTO E DO INCORRECTO NAS ARTES E NAS CIÊNCIAS, DEVE SER RESOLVIDO POR MEIO DA DISCUSSÃO LIVRE DOS CÍRCULOS ARTÍSTICOS E CIENTÍFICOS, ATRAVÉS DA PRÁTICA DA ARTE E DA CIÊNCIA (sublinhado por nós) E NUNCA DE MA<sup>neira</sup> SIMPLISTA." SOBRE A JUSTA SOLUÇÃO DAS CONTRADIÇÕES NO SEIO DO POVO - (27 Fev. 1957)



# DOIS EXEMPLOS DE TEATRO POPULAR

O TEATRO OPERÁRIO influencia a criação de novos grupos de teatro. Está na nossa linha de trabalho, apoiarmos todas as iniciativas de teatro popular, feito por trabalhadores. Assim, hoje, começa a ser uma realidade a criação de muitos outros grupos de teatro de trabalhadores emigrantes a quem nós tivemos e temos a oportunidade de transmitir a nossa experiência e o nosso entusiasmo.

Por vezes a expressão teatral torna-se uma arma, para apoiar e impulsionar uma luta, não decisiva mas de interesse geral. Portanto aqui, o teatro torna-se um veículo de agitação e consciencialização, para um objectivo bem preciso e imediato. E o apelo ou panfleto em forma teatral, são os admiráveis recursos do diálogo e da imagem, postos ao serviço de uma causa.

Será pecado, será ofender a arte, e portanto de criticar tal actuação? Ou bem pelo contrário, isto significa a possibilidade e a capacidade das massas, porém o teatro ao

seu serviço?

Para este número da nossa revista, escolhemos dois exemplos, que apoiamos inteiramente, por tudo o que significam, e tendo a certeza de que se vão multiplicar sem conta.

O PRIMEIRO EXEMPLO, É UMA PEÇA, FEITA POR UM GRUPO DE TRABALHADORES PORTUGUESES, NA REGIAO DE GRENOBLE (sul da França), e da qual nós só reproduzimos o 2º acto.

Trata-se de o apoio a uma greve, desencadeada na altura (1970), por operários da construção.

A introdução à peça diz-nos o seguinte:

Esta peça, entre outras coisas, trata de uma revolta de alguns trabalhadores portugueses contra o LUCIOS. Esta revolta atravessou várias fases; os trabalhadores começaram por discutir entre eles, para se organizarem, dado que os sindicatos nada faziam. A certa altura como o patrão não pagava as contas, deixaram de trabalhar: TU NÃO PAGAS, NÓS NÃO TRABALHAMOS. Entretanto em Grenoble, St. Martin d'Herès e Sassenage, era feita uma grande campanha de agitação para informar as pessoas. A luta continuava e continua ainda hoje.

Ao verem a peça, todos os trabalhadores estavam de acordo, pois diziam que o LUCIUS=PASCAL=DALBERTO=

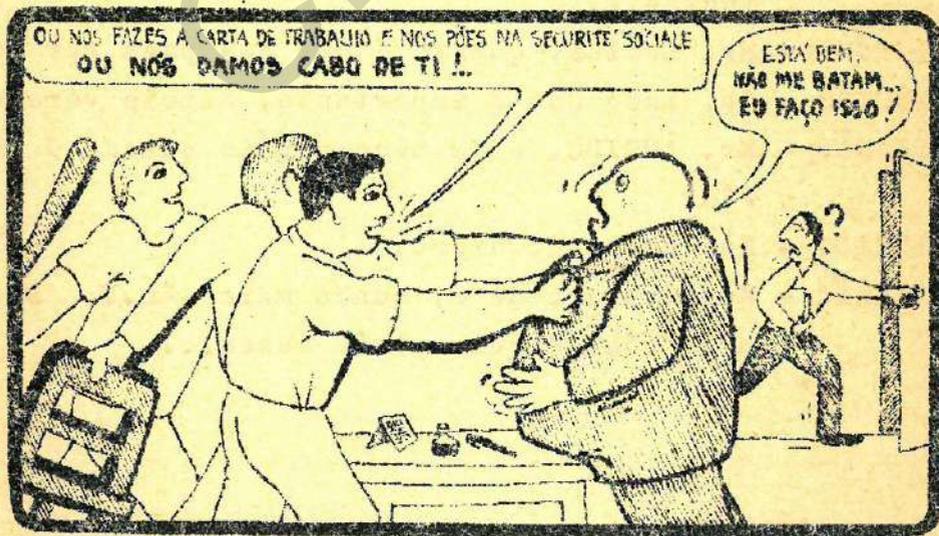
=REBEL etc... são todos iguais, pois são como todos os patrões. Podemos concluir através da peça que TODOS UNIDOS, como fizeram estes trabalhadores, podemos dar cabo de todos os patrões, pois eles não servem senão para nos explorar.

Que ela depois de lida, seja discutida com os nossos amigos e nos sirva de exemplo para novas lutas.

TODOS UNIDOS CONTRA OS PATRÕES, PORQUE SÓ ASSIM PODEMOS ACABAR COM ELLES !

PEÇA DE TEATRO (1 parte)

## GRUPO DE TRABALHADORES DE GRENOBLE



(No chantier. Homens que trabalham areias, pás, pica retas. Entram os trabalhadores PINHÃO e CHICO. Ghegan ANTÓNIO, SOUSA e CARLOS, CUMPRIMENTAM outros.)

PINHÃO - Bom, voçês vão ali ao escritório, o bandido do patrão deve lá estar. Digam que querem trabalhar.

Os 3 - Até já.

(Aparece o patrão).

PINHÃO - Esperem, ven ali o patrão. Eu vou falar com ele. (Alto) Mr. LUCIUS, há aqui três portugueses que procuram trabalho, Pode em pregar-los?

LUCIUS - Ah, concerteza...

PINHÃO - Bom, mas eles não têm papéis...

LUCIUS - Ah, mas não há problenas, eu trato disso tudo. Passen ali pelo escritório, isso é um instante.

ANTÓNIO - Mr. LUCIUS, quanto é que nos paga por hora?

LUCIUS - Oh, isso não é importante, depois verenos.

PINHÃO - Mr. LUCIUS, e os meus papéis quando é que vêm?

LUCIUS - Não sei nada disso.

PINHÃO - Mas então como é, nunca mais vêm... Daqui a um mês, daqui a três meses...

...isto não pode continuar assim...  
eu começo a enervar-me...

LUCIUS - Estam para a Mão-de-Obra.

( Lucius sai. Pinhão ameaça-o com gestos.)

( Alguém grita ; passaram três/<sup>meses</sup> Estamos mes-  
mos no chantier mais os três outros.)

ANTÓNIO - Eles fazem o que querem da gente en  
quanto a gente quizer, o que é que  
julgas? É preciso a gente fazer al-  
guma coisa; o gajo nunca mais nos ar  
ranjou os papéis; tenho um filho com  
uma perna partida, vai agora ser o-  
perado e eu sem a Sécurité Social.  
Além disso, paga-nos sempre horas a  
menos do que as que a gente faz.

SOUSA - Este mês são já 18 e ainda não nos  
pagou as contas.

PINHÃO - E se a gente fizesse greve? Aqui no  
chantier somos uns poucos de revol-  
tados e ele precisa de nós; vamos fa  
zer o gajo dar voltas ao miolo.

CARLOS - É uma ideia.

ANTÓNIO - nem é tarde nem é cedo. Ou ele nos  
paga ou não trabalhamos mais.

( Os trabalhadores atiram pás, picaretas para  
o chão e partem.)

(No escritório. Em cena Lucius e o guarda-livros; entra o Capataz.) (★)

**CAPATAZ** - Bom dia Mr. LUCIUS.

**LUCIUS** - Bom dia.

**CAPATAZ** - Posso levar o meu ordenado. Já são 8 e tenho umas coisas a pagar.

**LUCIUS** - Pois leve-o.

**CAPATAZ** - (Olha a ficha de paie)-Ah, estão as horas completas... Só aos portugueses é que é preciso ir roubando umas horas. Eles fartam-se de trabalhar, mas são portugueses, não vale a pena pagar-lhes como a nós.

**LUCIUS** - Ah, já tive esse cuidado...

**CAPATAZ** - Mr. LUCIUS, quanto lhes paga por hora?

**LUCIUS** - 3.50 Fr.

**CAPATAZ** - E o trabalho que eles fazem numa hora quanto é que vale?

**LUCIUS** - 10.00 Fr.

**CAPATAZ** - Então para onde vão os 6.50Fr que sobram?

**LUCIUS** - (indicando o bolso) - Para aqui.

**CAPATAZ** - Mas então são eles que lhe pagam a si 6.50Fr em cada hora!

**LUCIUS** - Pois sim, mas as máquinas são minhas. Enfim vai-se vivendo...

(★) na representação o papel do capataz fê-lo o guarda livros.

CAPATAZ - Vai-se roubando... quer você dizer...  
Mr. Lucius, e como foi que comprou as  
máquinas?

LUCIUS - Com o dinheiro que vou buscar aqui.  
(indicando o bolso)

CAPATAZ - Mas esse dinheiro foi roubado aos tra-  
balhadores!

LUCIUS - Cala-te que eles podem ouvir.  
(Entram os trabalhadores)

G.-L. - O que é que querem?

ANTÓNIO - Queremos falar com o patrão.

G.-L. - O patrão não está. Voltem amanhã.

(Os trabalhadores vêm o Lucius à entrada da por-  
ta, correm para ele e puxam-no para o meio do es-  
critório)

LUCIUS - O que é que querem?

ANTÓNIO - Queremos o mesmo que sábado, que se-  
gunda e que terça; queremos as acon-  
tas completas e não a migalha de 100Fr  
que nos costumás dar como se fosse es-  
mola, mas isso não é esmola, é dinhei-  
ro de trabalho que nós já fizemos. Tu  
não nos dás nem emprestas nada. Tu só  
serves para nos roubar; as acontas já  
estam ganhas com o nosso esforço. Além  
disto queremos ser inscritos na Sécu-  
rité Social e queremos os papéis pron-  
tos, e não penses que vais continuara

roubar-nos nas horas todos os meses como ters  
feito até aqui.

LUCIUS - Vocês andam doidos! Rua, rua...

PINHÃO - (empurrando o Lucius) - Na rua uma merda! És  
tu que nos queres pôr na rua? Então anda daí!

LUCIUS - Rua senão chamo a policia!...

ANTÓNIO - Isso, isso, chama os teus amigos policiaais;  
vocês são todos iguais LUCIUS, PASCAL, DAL-  
BERTO, REDEL... quando se vêm atrapalhados  
chamam sempre a policia...

LUCIUS - Rua, o escritório é meu!

PINHÃO - (obrigando o Lucius a recuar) - Tu dizes  
que ele é teu, mas como o construistes? À  
nossa custa! Por isso não saímos sem nos  
pores na sécurité social daqui a pouco.

LUCIUS - (cheio de medo diz para a empregada) - Bom  
vamos lá então tratar dessas coisas

OS TRABALHADORES COMEÇAM AOS SALTOS PELA

VITÓRIA CONSEGUIDA

PEÇA DE TEATRO pela

# ASSOCIAÇÃO DE PORTUGUESES EM MALMÖ (SUÉCIA)

O SEGUNDO EXEMPLO, É O DE UMA ASSOCIAÇÃO: A ASSOCIAÇÃO DOS PORTUGUESES DE MALMÖ-SUÉCIA. Aqui o problema é mais simples - O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO ASSOCIATIVA (e não só). E a discussão entre trabalhadores, sobre qual a melhor forma de fazer funcionar e utilizar as associações.



ELA - Isto é que está uma merda, hem? A uma hora destas e não aparece para almoçar.

RAIOS o partam, a ele e mais a Associação.

ELE - Então esse almoço está pronto?

ELA - Não. Vai tu apressa-lo. Isto tem de acabar um dia. Não pode continuar assim.

ELE - Mau, mas que bicho é que te mordeu hoje?

ELA - O mesmo que me pica todos os dias. Não achas que tenho razão?

ELE - Mas tens razão porquê?

ELA - Saíste de casa às 9 horas da manhã e apareces agora às 2 da tarde para almoçar. São umas ricas horas de almoço!!!

ELE - Para comer sempre são horas boas, desde que haja apetito.

ELA - Para ti sempre são horas boas, até me metes raiva com esse feitio que tu tens.

ELE - Vê lá se calas esse sacana desse disco. Porra, já ouvi isso mais de um milhão de vezes. Maldito disco, não há meio de se partir.

ELA - Parte o teu, porque é que não partes o teu? O meu pelo menos não prejudica ninguém!

ELE - Não prejudica, mas desmoraliza, que ainda é pior!

ELA - Às vezes só me dá ideia sei lá de quê...

ELE - Que raio! Hoje estás mesmo pior!

ELA - Estar pior ou melhor é igual! Aguentar e cara alegre! Às vezes só gostava de ser homem!

ELE- Para quê? Para dares uma tarefa na mulher

quando chegasse tarde para almoçar e ela te começasse a chatear o juízo, não é verdade?

ELA - Eu não! Eu se fosse homem nunca mais saía de casa. Estava sempre ao pé da família.

ELE - Também devias ser cá um conanas de um homem!

ELA - Pois. Então os que não são vadiolas como tu, chamam-lhes conanas!

ELE - Bem, vadiolas trava aí; eu não sou nenhum vadiolas!

ELA - Também os outras não são nenhuns conanas!

ELE - Sim, está bem! Quero dizer que são pessoas pouco activas! A gente precisa de se distrair, contactar, conviver, conversar, etc. E aí tens uma prova! Esse bolo que fizeste outro dia, que eu gostei bastante, foi uma senhora lá na Associação que te ensinou! Até nisso se ganha alguma coisa no contacto entre as pessoas! Sempre se vai aprendendo alguma coisa.

ELA - Mas tu parece-me contactas demais. Pelo menos, desde que pertences à direcção é um abuso!

ELE - Mas olha que desde que sou da direcção,

temos aprendido algumas coisas! Até vejo isso em mim próprio. Antigamente por tudo e por nada me exaltava e começava logo a falar alto e a discutir com as pessoas. E agora sei muito bem ouvi-las e explicar-lhes o assunto em causa quando vejo que estão erradas e sei muito bem dar-lhes razão quando vejo que a têm!

ELA - Ora vês como tu és esperto! A mim nunca me dás razão.

ELE - Uma coisa é saber se a tens, outra coisa é saber se ta hei-de dar ou não!

ELA - Ora esta! Quem é que pode ir com um burro destes à feira?

ELE - Ora vês?! Uma pessoa que fala assim como tu nunca se lhe pode dar razão, porque o que tu queres é discussão. Eu também quero, mas não é para discutir. É para aprender. Quando eu entrei, se me tivesses falado com bons modos, eu tinha-te pedido desculpa. Assim não. Além disso, quando saí de casa disse-te para onde ía.

ELA - Tu dizes sempre aonde vais! Mas ainda resta saber se vais aonde dizes.

ELE - Bem, é melhor acabares com a conversa antes que seja tarde. Então tu não sabias que eu estava na Associação?

ELA - Raio de Associação! Há lá sempre tanto que fazer?

ELE - Mais do que aquilo que tu e que muita gente pen

sa e se te explicar acabas por me dar razão! Além disso parece-me lógico e humano que quando um homem se compromete a uma tarefa, que a deve levar até ao fim.

ELA - Lá isso está certo, mas a Associação tem muitos sócios e se todos ajudassem já facilitavam o trabalho à direcção!

ELE - Ora aí está! Era precisamente isso que eu queria ouvir <sup>(\*)</sup> na Associação. Eu e toda a direcção, é claro! Olha, o assunto hoje discutido, foi o da limpeza.

ELA - O da limpeza?!

ELE - O da limpeza, sim senhor, é o problema número um. E como tal a direcção decidiu na reunião fazer uma campanha por meio do boletim, cartazes na parede, etc., para dar conhecimento a todos os sócios de que estamos a precisar da ajuda deles. Possívelmente até se vai fazer um teatro para fazer compreender melhor

ELA - Teatro?! Teatro estás tu a fazer.

ELE - E tu vais também entrar em cena nesse teatro!

ELA - Explica-te de uma vez para sempre e acaba lá com essa história!

ELE - Bem, então lá vai! Eu quero que tu te ingcrevas já na lista da limpeza que está lá <sup>(\*)</sup> e foi isso que eu estive a fazer

na Associação: não custa nada, assim que se entra na primeira sala, lá está ela. Eu ajudo-te mais cá em casa, e assim podes passar a ir mais ao clube.

**ELA** - Hum! Eu logo desconfiei que havia aqui gato! Tu não costumavas perder tanto tempo a falar comigo. Hoje estás tão falador... Logo vi que isto estava a cheirar a esturro.

**ELE** - Bem, mas estás de acordo ou não?

**ELA** - Sim, concerteza, nunca gostei de ficar atrás de ninguém. Mas, olha lá? Tu já viste o trabalho enorme que vão ter? E quando me calhar a mim, tenho que a fazer sozinho?! Olha que é passar a fio 3 salas daquele tamanho, cozinha, casa de banho, mesa, etc.!

**ELE** - Ora vês como agora já reflectiste! Sabes dizer que é muito, mas eu já tenho feito isso muitas vezes sozinho; e quando chego a casa tenho que ouvir o disco, e por isso mesmo é que a direcção pensou em fazer um apelo aos sócios.

**ELA** - Sim, na verdade, acho que a direcção tem razão. Nunca me tinha passado isso pela cabeça. Se todos sujam, todos têm o dever de limpar.

**ELE** - (1)  
**ELA** - Mas porque não? Ora essa!

**ELE** - Não queiras exigir das pessoas aquilo que elas não podem dar. Há sócios que moram fora de Malmö. Vão à Associação uma ou duas vezes por ano, quan

- do há Assembleias ou festas, e muitos não têm carro. Ora seria exagerar estar a exigir que esses sócios também colaborassem na limpeza. Bem, mas se algum se inscrever não vamos dizer que não. Assim como, se houver aqui em Malmö, sócios que tenham possibilidades, mas não se inscreverem Também não vamos obrigá-los e criticá-los.
- ELA - Lá isso de criticá-los não acredito. Tu também gostas muito de cortar na casaca dos outros.
- ELE - Bem, deixa-te lá de histórias e não te esqueças, quando estiveres a conversar com as tuas amigas e conhecidas, é claro, de fazeres vir à baila a conversa do clube e da limpeza, e até dares logo um toquezinho para se inscreverem também -  
- quantos mais, menos.
- ELA - Quantos mais, menos!!! Às vezes parece que és parvo; quantos mais, mais.
- ELE - Não. Aqui é quantos mais, menos.
- ELA - Mas porquê?
- ELE - Quantos mais se inscrevem na limpeza, menos limpeza há para cada um.
- ELA - De vez em quando lá te saís com essas.
- ELE - É tal e qual como te digo. Não somos nenhuns porcos e por isso devemos manter a

Associação limpa. Ainda te lembras quando o clube era em Lima? E tu a discutires comigo, porque trazia sempre as mangas descozidas, todas se<sup>ben</sup>tas... E dizias: É das mesas lá do clube, que a quilo parece mais uma possilga do que um clube. Com as crianças acontecia a mesma coisa - cada vez que de lá te vinham, pareciam uns javardi-nhos, ao passo que, desde que mudámos para a se<sup>de</sup> actual, nunca mais isso aconteceu.

ELA - Lá isso é verdade.

ELE - Aqui há dias - o dia que andaste a lavar, e reparei bem nisso - pediste-me para tirar o blusão, que já precisava de ser lavado. Olhas-te para os punhos dele e disseste: - vês aqui os punhos já todos se<sup>ben</sup>tos? Isto é da mesa do Domus. E já não disseste que era da Associação.

ELA - Lembro-me perfeitamente.

ELE - Não interrompas. Com as crianças não sei se tens re<sup>pr</sup>ado? Rebolam-es pelo chão de toda a maneira e feitio, e quando de lá saem/<sup>vêm</sup> pouco mais ou menos limpos. Isto é muito importante. Mas, aqui com as crianças, deixa-me explicar-te outras coi<sup>s</sup>as, e assim ficas já a saber, para quando lá fores com os teus, como deves proced<sup>er</sup>. As crian<sup>ças</sup> não raciocinam como nós, o que eles querem é brincadeira. Brincarem num sítio limpo ou no meio do lixo é-lhes igual, geralmente até preferem o lixo, porque até o pró<sup>p</sup>rio lixo lhes ser

ve de brincadeira. Óra quem tem que ter essas coisas em conta, somos nós, os pais das crianças.

ELA - Mas nós...

ELE - Espera, temos que evitar ao máximo que elas façam lixo, e quando o fizerem, terem o cuidado de limpar logo. Acontece muitas vezes na Associação estarem a comer chocolate e o chocolate ir-se derretendo e cair para o chão, ou para cima de uma cadeira, ou de uma mesa e vem uma criança e rebola-se pelo chão...Evidentemente que se suja. Vem uma senhora ou um homem, sentam-se, e claro, sujam o casaco ou as calças. Se tivermos tudo isso em conta, esta-se a poupar trabalho de limpeza e de lavagem de roupa. Estou a falar bem ou não?

ELA - Oh homem, continua, estás a falar que nem um doutor!

ELE - O que eu queria era que toda a gente compreendesse que uma Associação só pode progredir, quando todos os associados se dispuserem a colaborar activamente nas várias secções para as quais se sintam mais inclinados, sejam elas: biblioteca, teatro, futebol, limpeza, etc. E só então, poderemos chamar-lhe sèriamente colectividade.

ELA - OH homem, quem é que não compreende; estou convencida que se explicasses isto a um burro ele te compreendia perfeitamente, quanto mais a um ser humano!

ELE - Obrigado, e já agora deixa-me dizer-te mais uma coisa.

ELA - Continua que estou a gostar de te ouvir.

ELE - Toda esta questão da limpeza tem aquilo a que as pessoas chamam higiene, o que tem um significado muito importante. A higiene é companheira da saúde, ao passo que a porcaria é associada às doenças e nesta sociedade pôde em que vivemos e pertencemos, somos nós em conjunto que temos que fazer alguma coisa por ela. Bem, agora, vamos lá comer e depois damos um salto à Associação para nos distrairmos um pouco. E não te esqueças que a Associação será aquilo que nós quizermos. Só podemos contar com nós próprios. Queres ir ou não?

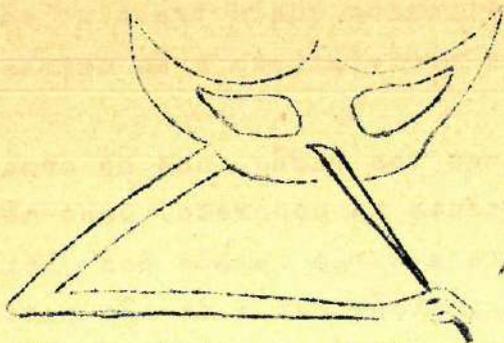
ELA - Oh homem, vamos, mas estava cá a pensar numa coisa.

ELE - Então o que é?

ELA - Na verdade, desde que andas lá na Associação a prendeste a dizer umas merdas.

UMA ASSOCIACAO SÓ PODE PROGREDIR SE TODOS PARA ELA TRABALHAREM. SEJA NA LIMPEZA, SEJA NO TEATRO, OU NO BOLOTIM, OU OUTRAS ACTIVIDADES. E É PRECISO PERDER A VERGONHA E PÔRMO-NOS AO TRABALHO. SOMOS TÃO CAPAZES COMO OS OUTROS. TAMBÉM TEMOS CABEÇA.

(1) Todos como quem diz; há sócios que ninguém tem que os censurar se não se inscreverem.



*Comércio  
1.00  
História*

"Tenho lido nos últimos "Comércio do Funchal" alguns artigos sobre o teatro na emigração, onde se tem atacado o Teatro Operário, tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista do trabalho que está a fazer em teatro. Porque é que o Teatro Operário não responde? E ainda: qual é a sua opinião sobre essa polémica?"

#### RESPOSTA

1.- O Teatro Operário não tem participado nesta polémica, porque ela está falseada desde o início, dado que o público português não tem a possibilidade física de assistir aos espectáculos que se passam na emigração. Nestas condições, a nossa intervenção podia ser caracterizada pelo mesmo espírito sectário das outras, consistindo afinal de contas em afirmar que nós é que somos bons e os outros não prestam. Que interesse tem esta luta de capelinhas, para um público que se interesse por um verdadeiro debate à roda do problema da inter-relação entre a arte e a política, se, como ponto de

partida, todos afirmamos que o trabalho em teatro deve servir o proletariado e as massas trabalhadoras?

Para se ver quem tem razão, não há como ver o que cada um apresenta de concreto. Isso sendo o je impossível para a larga camada dos leitores do "CF", a nossa posição foi a de não participar nessa pseudo-polémica. Esta é a nossa posição quanto à primeira pergunta que o camarada nos faz.

Quanto à segunda pergunta:

Como os leitores não são parvos, é evidente que já perceberam que por detrás desta discussão, o que existem são posições diferentes sobre a linha política a seguir para a Revolução em Portugal. Posto isto vamos tentar ver o que se passa.

a) - A intervenção do sr. Júlio Henriques, como ele afirma, este sr. fez parte do "FO", trabalhando no primeiro espectáculo, "Histórias para serem contadas". Se bem percebemos o que ele quer dizer por "utilitarismo cultural", é claro que não foi por acaso que essa peça foi escolhida para começar a nossa acção teatral, e é evidente que lhe tentamos dar uma leitura de classe, pois como bem diz o grupo de teatro José Gregório, não existe arte pela arte. Mas este esclarecimento não conduz a nada, pois o sr. J.H. também sabe isso. Então o que se passou? Muito simples. A dada altura, o sr. J. H. mudou de con vicções políticas, direito inalienável de qual-

quer cidadão. E agora tentou matar dois coelhos de uma cajadada, falando em relação ao "T.O." de este andar nas núvens, não vendo a realidade que se lhe deparava (as massas emigradas), e em relação ao G.T.J.G. de este ser oportunista por montar "a Mãe" sem possuir o mínimo de valor técnico teatral para se abalançar a essa empresa.

O sr. J.H. deixou realmente de possuir convicções e o que isso implica como posições a tomar perante a luta de classes, para passar a ter "dúvidas", muitas "dúvidas", o que o levou a colocar -se na cómoda mas perigosa situação de professor e doutor que analisa o trabalho dos outros e depois distribui as classificações e as notas. Para o "T.O.", isso não aquece nem arrefece. As posições do sr. J.H., as nossas e as dos outros serão julgadas pelas massas e pela Revolução. Só nos entristece uma coisa: que o sr. J.H. tenha a lata de afirmar que o trabalho do "T.O." não tinha preocupação com a forma (encenação, trabalho de actor, som, etc., tudo isso analisado e explicado de um ponto de vista materialista dialéctico), entristece-nos porque ele participou nesse trabalho e conheceu-o a fundo. Quer dizer que o sr. J.H. deixou de ser uma pessoa com "dúvidas" para se colocar claramente numa posição de reles oportunista para quem a mentira é uma arma a utilizar nisto da discussão política e ideológica. E é tudo sobre estes.

B) - A intervenção do G.T.J.G. contrariamente ao sr. J.H. que só tem "dúvidas", aqui existem muitas certezas. E, confessêmo-lo, as posições deste grupo apresentam uma admirável coerência e acordo de pontos de vista com o sector político da emigração com quem alinham, e que é simbolizado pelo jornal "O Salto". A nossa opinião sobre "o S" já veio publicada no nº 2 dos nossos cadernos, quando explicavamos os motivos da nossa não participação nos chamados "Jogos Floris". Dizíamos que não considerávamos esse jornal um defensor das massas trabalhadoras, porque lhes ocultava (como faz a imprensa fascista) as lutas que as massas estam hoje a travar, tanto em Portugal como na emigração. Seguiam-se uma série de exemplos. Parece que isto deu algum resultado, pois no último "Salto" já se fala dos pescadores de Matozinhos e da Grun dig. Para começar já não é mau... Posto isto passemos ao que interessa.

O G.T.J.G. ao contrário de nós, entrou em pânico com os ataques de que foi alvo por parte do "teatrólogo" J.H. E já fez dois artigos (um no "S", outro no "CF") para afirmar que era um grupo que tinha razão e que J.H. e T.O. eram a mesma coisa, radicais, esquerdistas, com peças más e detestáveis, intelectuais que andam no irreal e não descem à terra, etc., etc.. Tentou esse grupo, como o sr. J.H. já tinha tentado, matar dois coelhos de uma cajadada. A verdade

é que há grandes diferenças entre nós todos, e para as fazer desaparecer não basta traçar o caminho a golpes de citações de Mao Tsé-Tung, como fez o G.T.J.G. no seu artigo do "S". Até porque esses textos já nós tínhamos posto no nº1 dos cadernos do "TO". O que é preciso analisar, sem espírito sectário, é a prática e os seus resultados no seio das massas, de cada grupo. Nós não vamos analisar a prática do G.T.J.G. porque não a conhecemos. E mesmo que a conhecessemos não nos competia o papel de juizes, dado que, estamos a fazer o mesmo trabalho seguindo métodos diferentes. Também não servem para examinadores pseudo-juris de teatro que são obrigados a dar prêmios e louvores aos que sabem a mesma missa, como se passou nos chamados Jogos Florais. Se estamos de acordo com tudo isto, quem nos vai julgar são as massas, as mesmas que julgarão o "S" e outros jornais da emigração, as mesmas que julgarão o "radicalismo" e "idealismo" do "18 de Janeiro" e de "o Soldado", as mesmas que julgarão a justeza ou não da palavra de ordem "Desertar com armas", as mesmas que se organizam em Comitês Operários, lutam e alcançam vitórias de Norte a Sul

do país, as mesmas que organizaram o boicote activo das eleições burguesas e que se manifestaram na rua. Mas será possível fazer imediatamente um pequeno balanço da nossa prática? Vejamos: "O Soldado" já foi representado cerca de 20 vezes para assistências mé dia de 250/350 pessoas. Digamos que já nos viram uns 5000 trabalhadores emigrantes. É evidente que nem todos estarão de acordo com o que vêem e esse é um dos nossos objectivos, pois como dizia Brecht o triunfo de um espectáculo não é manter falsa a unidade dos espectadores mas sim fazer rebentar as contradições provocar polémica, discussão, luta, para que se possa construir uma nova unidade revolucionária, proletária, anti-burguesa. Mas mesmo assim o que se verifica é que o público mantém uma grande união perante a peça, interrompendo-a com aplausos, participando na acção, ficando no fim em pequenos grupos para a discutir e para organizar grupos de teatro do mesmo género. SE o G.T.J.G. não acredita, pergunte a camaradas de "O S" que já assistiram a isto tudo.

Será que esta reacção significa que nós andamos nas nuvens, e não descemos ao "real" das massas emigradadas? OU será que G.T.J.G., e "O S", etc., têm uma visão errada do que são as massas e quais são as suas potencialidades? Não será uma visão liquidacionista, derrotista, direitista (curiosamente gémea das posições do sr. J.H.) a de pensar que não podemos dizer às massas o que

tenos a certeza que elas pensam e não ousam dizer? Afinal, no meio disso tudo, onde fica o papel de "vanguarda consciente" de que "O S" e companhia tanto falam e tão ciosamente defendem?

Para terminar, foquemos apenas uma contradição no texto que o G.T.J.G. enviou para o "CF" e que reflecte as inevitáveis contradições da sua linha. Diz esse grupo que analisa as realidades das massas emigradas, e é em relação a elas que ele trabalha; concluindo-se daí que a nossa peça é avançada demais para o estado da actual consciência das massas. Muito bem. E "A Mãe"? É uma peça atrasada? É uma peça com ambiguidades e visões reaccionárias e acomodada à ideologia burguesa? Parece que não, pois fala na formação do partido, aparecem foices e martelos, bandeiras vermelhas, manifestações de rua, etc.. Então, camaradas, em que ficamos? Será que podemos falar da revolução dos outros e não da nossa? Ou será que falar da nossa é muito difícil para quem não tem nada a ver com ela?

## ALGUMAS POSIÇÕES DO TEATRO OPERÁRIO

a) - IMPORTÂNCIA DA ACTIVIDADE CULTURAL - esta acção insere-se no trabalho da preparação ideológica das massas, condição indispensável para a passagem à luta armada, estado superior da luta política contra a burguesia. Esta preparação ideológica é feita através de propaganda, de agitação e de organização de lutas contra a repressão, contra os patrões, contra os falsos defensores do proletariado. O trabalho em teatro, música, literatura, cinema, desenho, jornalismo, etc., está incluído neste campo. Nós estamos na emigração, e beneficiamos por isso, de não termos a censura fascista em cima do que fazemos. É nosso dever elementar perceber que se a censura existe é para impedir que os revolucionários falem, e concluir logicamente que o nosso dever na emigração é apresentar diante das massas todas as questões que sempre lhes foram ocultadas. Fazer o contrário é cair no reformismo mais abjecto e cobarde, é dizer-se que se é do "contra" por ser fino ou estar na moda, é colaborar abertamente com o fascismo. A posição a tomar é de luta, a nossa responsa-

bilidade é de educação das massas, sejam quais forem os obstáculos e dificuldades com que temos de deparar.

b) - QUAL É O PAPEL DAS MASSAS?

As massas são o motor da história e o verdadeiro herói da luta de classes que esmagará definitivamente o capitalismo. Isto significa que a vanguarda mais consciente, ao mesmo tempo que ensina às massas, tem de aprender com elas. Será esta relação dialéctica que definirá a linha justa, seja em que campo fôr da actividade revolucionária. As massas Portuguesas são iguais às massas de qualquer parte do mundo, estejam em Portugal, ou estejam na emigração. Como em toda a parte, recebem a influência da ideologia burguesa, têm por vezes posições reaccionárias mas aspiram à liberdade, ao bem estar, ao progresso, à exterminação dos parasitas que as exploram minuto a minuto. E isto, tanto é compreendido pelo camponês das Beiras, como pelo emigrante que já vive bem, esteja ele a trabalhar em Paris, na Holanda ou na Suécia. Nós acreditamos, por conseguinte, em oposição absoluta com "O S" e companhia, que as massas não são "nacionalistas e atra

sadas", mas sim que elas encaram dentro de si toda a potencialidade revolucionária que destruirá para sempre a burguesia. Esta nossa posição, a posição de saber escutar, de saber aprender com as massas, implica um procedimento nas relações que dê confiança às massas, que as faça sentir-se irmanadas com "outra gente" (seja de origem intelectual, ou de origem trabalhadora), que diz coisas muito avançadas e "perigosas". Isto só se pode conquistar acreditando nas massas, e não utilizando-as, enganando-as a falar-lhes de bola para depois às escondidas se falar de coisas mais sérias, e ainda muito menos roubando-as descaradamente como se passou nos chamados "Jogos Florais", onde os preços de cervejas e petiscos eram escandalosamente superiores ao dos cafés da burguesia Francesa! Quem acha que as massas são parvas e manobráveis são os fascistas e não os revolucionários. Seja como fôr as massas têm boa memória e não esquecem facilmente os inimigos que encontraram pela frente.

### c) - O NOSSO TRABALHO EM TEATRO

Nós começamos a trabalhar há 3 anos e já demos dezenas de espectáculos. Achamos uma belíssima coisa que surjam variadíssimos grupos de teatro, até porque pensamos que só do confronto de varias práticas poderá sair a linha justa. Esse o motivo porque nós incentivamos a criação de vários grupos de teatro, e

porque publicamos uma revista onde comunicamos a nossa experiência para ser aproveitada por quem estiver de acordo com ela. Lamentamos que as críticas que nos têm sido feitas não sejam nem sérias, nem lúcidas. Se remos os primeiros a reconhecer as críticas justas que <sup>nos</sup> são feitas (e algumas nos têm sido dirigidas verbalmente que nós aceitamos). Mas não aceitaremos nunca que nos tentem puchar para trás na nossa acção, nunca cairemos por medo das massas em posições de direita. Isto significa que também não aceitamos outra observação doutoral possível que é a de ser errado pôr em cena aquilo que as massas devem fazer na vida. O estar de acordo com isto significaria estar contra todo o trabalho cultural feito através dos séculos, desde o grego Aristófanes até ao português Antonio José da Silva, passando pelo inglês Shakespeare; no trabalho destes e de outros milhares de dramaturgos, a classe dominante é posta de rastos, ridicularizada e executada (os camaradas conhecem Fuenteovejuna de Lope de Vega?). Estes autores também são esquerdistas e irreais, ou não se pode tocar neles porque já estão consagrados e a burguesia finge que os aceita?

CD25A